

ANTÓNIO DUARTE, AUGUSTO DE SÁ, FERNANDO SEQUEIRA

~ PAIS A QUEM NÃO DEIXARAM SER PAIS

Há crianças que são órfãos de pais vivos. Isso acontece quando um dos progenitores decide excluir para sempre o outro da vida dos seus filhos. Estes três homens lutaram muito, mas nem todos conseguiram vencer a tragédia da alienação parental. Por Bárbara Bettencourt

Retomaram a relação depois da filha, agora com 22 anos, ter percebido que cresceu manipulada pela mãe para odiar o pai.

Em fevereiro, António Duarte já tinha tudo pensado para o Dia do Pai. “Vou levar o João Miguel a ver uma exposição de dinossauros no Palácio de Cristal!” O entusiasmo é compreensível se dissermos que este técnico comercial do Porto, 53, esteve afastado do filho durante três anos e passou por duas acusações de abuso sexual, até ser ilibado e conseguir a alteração da guarda parental, numa sentença histórica em Portugal.

Augusto de Sá, professor, 52, pode dar-se ao luxo de não ligar muito ao Dia do Pai nos dias que correm. Está a contar com um telefonema da filha, ou uma visita. “O normal”, diz com a tranquilidade de quem tem o amor filial garantido. Durante mais de 10 anos não foi assim. Natais, aniversários e Dia do Pai eram datas que reabriam a ferida da ausência da filha, com quem tinha perdido o contacto total depois de um divórcio litigioso.

Fernando Sequeira, 50, é professor de estatística mas tudo o que queria era não integrar a estatística dos pais que viram o afeto dos filhos escapar por entre as malhas da alienação parental. Lutou ao longo de 12 anos pela filha que hoje, com 14, recusa estar com ele. António, Augusto e Fernando experimentaram uma das faces mais negras das separações em guerra: quando um dos progenitores, geralmente o que fica com a guarda da criança, decide excluir, para sempre, o outro da vida dos seus filhos.

ANTÓNIO DUARTE: “Preferia não ver o meu filho a fazê-lo passar por perícias médicas.”

“Quando o meu filho nasceu, eu e a mãe vivíamos em cidades diferentes. A ideia era ela vir para o Porto, onde

eu estava, mas isso não aconteceu e começámos a afastar-nos. Vinha a Lisboa todos os fins de semana ver o meu filho, mas percebi que as coisas iam correr mal quando lhe pedi para o levar a ver os avós ao Porto e ela disse que não ia deixar que isso acontecesse tão cedo. Achei melhor pedir a regulação do poder paternal, para estabelecer os meus direitos, e fiquei com as tradicionais visitas quinzenais. A partir desse momento começou o inferno. Pedi transferência para Lisboa no emprego, para poder ficar mais perto do meu filho, mas ela nunca me deixou vê-lo. Tirou-o do infantário e andei quatro meses a tentar descobrir onde estava. Chegava a ir de madrugada ao Cacém para a seguir até descobrir o colégio. Quando fiz queixa ao tribunal, a mãe argumentou que o meu filho mostrava instabilidade emocional depois de estar comigo. Isto foi em

“Felizmente, o meu filho nunca deixou de gostar de mim”

ANTÓNIO DUARTE

setembro de 2007. Só em janeiro de 2008 o tribunal decretou que as visitas se retomassem, mas como já não o via desde agosto, e ele tinha três anos, as visitas tinham de ser no infantário, e vigiadas, para promover a nossa reaproximação. Esse dia foi de muita ansiedade, porque depois de 5 meses pude finalmente vê-lo numa sala. Levei toda a família. A reação dele foi de bebé, gatinhava, pouco falava, acho que já mostrava sinais de instabilidade. O colégio confirmou que havia uma ótima relação entre nós e o tribunal autorizou novamente os fins de semana. Só consegui ter um, porque no domingo em que o entreguei, a avó materna foi com ele ao hospital Amadora /Sintra com uma denúncia de abuso sexual. Fiquei em choque, não queria acreditar naquilo. Suspenderam-me logo as visitas e ele foi sujeito a uma avaliação no Instituto de Medicina Legal. Não

encontraram quaisquer sinais de abusos e a acusação foi arquivada, mas entretanto eu só podia ver o meu filho nas instalações do Instituto de Reinserção Social, na presença de estranhos que me estavam a avaliar. Toda a gente me olhava de lado, é dantesco o que se vive. Felizmente, o meu filho nunca deixou de gostar de mim. Voltei a ter direito a fim de semana e férias. Passei as primeiras férias com o meu filho no verão. Estava felicíssimo. Mas, mais uma vez, assim que o entreguei à mãe, ela voltou à carga com nova acusação de abuso sexual no hospital. Disse aos médicos que ele estava com o ânus dilatado e até se viam os intestinos. Os médicos viram que não havia qualquer fundamento naquilo, mas nessa altura fui eu que pedi ao tribunal para

“Entre pais e filhos não pode haver divórcio. As crianças têm direito a poder amar os dois.”

Rute Aguilhas, psicóloga

suspender as visitas, já que cada vez que estava com ele a mãe o fazia passar por aqueles tormentos. Pedi também a alteração da guarda, o que vim a conseguir em 2009. Qualquer pai tinha desistido, eu pensei muitas vezes que não aguentava. Tinha falta de esperança, apatia. O meu filho tem apoio psicológico até hoje e terapia da fala quinzenalmente, já está muito melhor. Nunca me opus aos direitos de visita da mãe, mas continua a ser complicado gerir. Ela recorreu da sentença para a Relação mas eles não mudaram uma linha do acórdão.”



“A minha filha sabe que viveu uma mentira, mas não falamos do passado”
AUGUSTO DE SÁ

AUGUSTO DE SÁ: “Estive 10 anos sem ver a minha filha.”

“Estive casado 16 anos mas nunca podemos estar certos de conhecer alguém. Um dia chega-se a casa e a outra pessoa diz que quer o divórcio. Tentei que não acontecesse, aguentámos um ano, só depois percebi que havia outra pessoa. Quando eu quis o divórcio, ela não quis, parecia que não conseguia viver comigo nem sem mim. Tornou-se um comboio desgovernado, empenhada em fazer da minha vida um inferno. A nossa filha tinha 12 anos, nessa idade é fácil dar a volta às crianças. A mãe passou a andar com ela para todo o lado, fazia questão de me maltratar à frente dela, dizia que eu era um porco, que tinha amantes, coisas absurdas. Deixei de conseguir falar com a minha filha. Foi assim durante meses, até que decidi avançar com o divórcio sem acordo. O juiz ouviu a filha, e ela, claro, disse que não queria ficar com o pai. Foi o suficiente, separa-se uma família como se fosse um carro. Andava devastado, vivia um terror psicológico constante, nunca sabia o que esperar. Várias vezes a mãe foi à polícia dizer que eu a agredia e houve uma acusação de maltratos que felizmente a minha filha não corrobora.

Nos dias de hoje, 2 em 4 crianças vão passar pelo divórcio dos pais.

rou. Um dia tinha a PJ à espera, a dizer que eu tinha matrícula falsa... e tinha mesmo! Este carnaval durou três anos. Quando as pessoas querem ser más vão até ao limite.

O tribunal ilibou-me de tudo, mas nesta fase já recebia cartas da minha filha a desejar-me um péssimo natal ou aniversário. Doía demais ver aquelas atrocidades escritas com a letra dela e perceber que era influência da mãe. Optei por me afastar. Foi uma questão de sobrevivência. Mas nunca deixei de ter filha. Não estava era com ela. Há dois anos, ela contactou-me. Soube que tinha saído de casa aos 16, incompatibilizada com a mãe; que teve uma filha aos 18 sem o apoio de ninguém; que a mãe mentiu, dizendo que nunca paguei a pensão de alimentos. Hoje sabe que viveu uma mentira, mas não falamos do passado. Sei que há coisas irrecuperáveis, mas o que interessa é que agora a posso ajudar.”

OS FILHOS (NÃO) SÃO UMA ARMA

A maioria dos casos de alienação parental segue o mesmo padrão, explica a mediadora familiar Maria Saldanha P. Ribeiro, no livro 'Amor de Pai - divórcio, falso assédio e poder paternal'. A mãe – que fica com a guarda em 90% dos casos – inicia um processo de manipulação, recorrendo à mentira e criação de falsas memórias, até conseguir que o filho odeie o pai e se recuse a estar com ele. Impede sistematicamente as visitas e outras formas de contacto. Um cenário excepcional?

Não há estatísticas em Portugal, mas em novembro de 2010, numa entrevista ao DN, a socióloga Catarina Tomás assumiu a alienação parental como tendência em crescimento. A razão é simples, explica a psicóloga Rute Agulhas: “Por um lado, há mais divórcios, por outro, vê-se um empenhamento cada vez maior dos homens na parentalidade. Eles querem ser parte da vida dos filhos, que ganham assim mais potencial para se tornar num objeto de disputa.” Há 7 anos que Rute Agulhas faz avaliações, a pedido do tribunal, nestes casos. “Cabe-nos despistar se a rejeição tem razão de ser ou se há manipulação. A idade pré-escolar é mais vulnerável mas o prognóstico é pior nos adolescentes, que já rejeitam o progenitor de forma absoluta. “Estas situações são quase sempre irreversíveis.”



“Vejo-a no Facebook, esta muito bonita”
FERNANDO SEQUEIRA

FERNANDO SEQUEIRA: “Endurecemos por dentro.”

“Namorámos durante sete, oito anos, estivemos casados 4. Dois anos depois da nossa filha nascer ela arranhou outro companheiro. Saiu de casa e levou-me a filha. Fiquei sete meses sem a ver. Avancei com o pedido de regulação de poder paternal, apanhei com a chapa três das visitas de 15 em 15 dias mas tudo era boicotado. Não podia fazer as visitas porque ela estava doente, não conseguia falar com ela ao telefone... havia problemas constantes. Ela mudou de residência três vezes, mudava a miúda de escola, e eu tinha de andar atrás para descobrir onde estava. Consequia ver a minha filha na escola. Ia duas vezes por semana de Torres Vedras à Charneca de Caparica vê-la nos intervalos. Fui-me muito abaixo. Estive deprimido, bebia, cada data festiva que não estava com ela era um drama, o sentimento de impotência gerou revolta mas nunca desisti de lutar.

Sentia uma grande ambivalência da minha filha comigo, uma necessidade grande de ela obedecer à mãe, divisão em termos afetivos. Hoje tenho noção que o pior que fiz foi meter o tribunal no meio, porque só suscitei mais vin-

As mães também podem ser vítimas de alienação parental. O fenómeno afeta mais pais, em parte porque as mães ficam com a guarda em 86% dos casos.

gança. A relação com a minha filha foi-se deteriorando cada vez mais. Nunca consegui ter muita autoridade sobre ela, e começou a afastar-se e a mentir. Diz que sim, que vem, e não vem. Afastou-se de mim e dos avós. Não tenho um contacto de telemóvel sequer, vejo-a no Facebook, está muito bonita, parece um sol, mas qualquer discurso meu cai em saco roto.

Resta-me esperar que cresça e acorde. Tive que ganhar defesas, antes estava em sofrimento constante, era como se fosse a morte de uma pessoa, uma dor sempre presente. Estou vencido, não convencido, mas desisti das guerras. Hoje em dia, com 14 anos, não tem lógica obrigá-la. Ela já foi moldada num sentido. Não posso pensar em dias do pai, ou natais, ou seja o que for...”

A BOMBA ATÓMICA DAS ACUSAÇÕES DE ABUSO SEXUAL

No meio de uma guerra parental, a acusação de abuso sexual cai como uma bomba atômica. Quando surge neste contexto e timing é quase sempre falsa, assegura a psicóloga Maria Saldanha P. Ribeiro. O objetivo é afastar o pai. Definitivamente. O tribunal decreta a interrupção das visitas ou impõe que se façam sob vigilância até se concluir a investigação e começa um calvário de inquéritos, audiências, pedidos de avaliação e perícias. “É o processo correto, só que as listas de espera para as avaliações têm anos. Quando se conclui que o pai é inocente, muitas vezes a relação já se perdeu por falta de contacto.

As mães jogam com isto e fazem de tudo para o processo durar mais tempo, faltam às sessões, multiplicam as alegações...”, explica a psicóloga Rute Agulhas. Raramente há consequências para a mãe. Para as crianças, dependendo da idade, os efeitos passam pela ansiedade, insegurança, isolamento, depressão, dificuldade em estabelecer relações de intimidade, baixa tolerância à raiva e hostilidade, dificuldades escolares, problemas de sono e alimentação. Em 2010 deram entrada em tribunal 11.283 processos de incumprimento do exercício das responsabilidades parentais.

FOTOS: LUIS COELHO E DR

Contactos: Ass. para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos: igualdadeparental.org; Pais para Sempre: paisparasempre.eu